
Torá, Exegese e Modernidade

Terceira parte do Manifesto por um Judaísmo Livre

Autoria: Sha'ul Bensiyon

Introdução

Quando olhamos para a Torá, a revelação dada a Moshé no Sinai, a partir do ponto de vista do mundo em que os israelitas viviam, percebemos que a Torá sempre trouxe informações extremamente vanguardistas. E que a própria Torá traz mecanismos para sua atualização, pois é dito:

“E virás aos sacerdotes levitas, e ao juiz que houver naqueles dias, e inquirirás, e te anunciarão a sentença do juízo. E farás conforme ao mandado da palavra que te anunciarem no lugar que escolher o ETERNO; e terás cuidado de fazer conforme a tudo o que te ensinarem.” (Devarim/Deuteronômio 17:9-10)

O objetivo não era apenas evitar a discórdia acerca das leis, mas também assegurar que o povo de Israel não se pautaria apenas nas interpretações daqueles que viveram anteriormente.

A razão é simples: Embora os valores essenciais da Torá não mudem, o mundo munda. Logo, a aplicação da Torá muda. Ninguém imaginaria, por exemplo, que praticar a Torá em meio a nômades no deserto milênios atrás será idêntico a praticá-la em Nova Iorque nos dias atuais.

Infelizmente, não temos hoje um Sanhedrin (Corte Mosaica). Isso fez com que surgissem no Judaísmo centenas de organizações bastardas, que não têm perante a lei judaica a autoridade que se arvoram.

Mas, até isso poderia causar poucos danos, não fosse pelo fenômeno de transformar o Judaísmo numa religião primitiva da Idade Média. Pode-se observar isso na excessiva superstição, no radicalismo e também nas interpretações fantasiosas de midrashim e agadot.

O objetivo deste artigo, portanto, é simples, porém ousado: Demonstrar a modernidade sempre acompanhou o Judaísmo. Não só na prática, como também na própria exegese.

E, para isso, utilizaremos ninguém menos que alguns dos maiores pensadores dentre os sábios hispano-portugueses.

Literalização de Midrashim?

A primeira coisa que se faz necessário compreender é que um dos fenômenos mais destrutivos no Judaísmo é a literalização de parábolas e folclores, presentes no Midrash e em outras fontes de agadá (estória).

Sobre isso, Rambam (Maimônides) diz:

“Agora, eu me pergunto se essas pessoas ignorantes [que consideram esses comentários como literais] acreditam que o autor desse dito o considerou como a verdadeira interpretação do versículo citado, e como o sentido desse preceito...

Não posso pensar que qualquer pessoa cujo intelecto é saudável possa aceitar isso.” (Moré Nevukhim/O Guia dos Perplexos 3:43)

E sobre justamente a tendência da maior parte do Judaísmo dito (Ultra-)Ortodoxo hoje, Rambam afirma:

“Deve-se ter pena de tais pessoas de mente fraca pois, em sua tolice, acham que estão honrando e elevando as palavras dos sábios, quando na realidade, elas os arrastam para o nível mais baixo...

Eles destróem a glória da Torá e escurecem o seu brilho, fazem da Torá do Eterno o oposto do que era a intenção. Ele afirmou na Torá perfeita acerca das nações que ouvem acerca de todos esses estatutos, que dirão: ‘Este grande povo é nação sábia e entendida.’ [Dt. 4:6] Mas quando as nações ouvirem como esse grupo relata as palavras dos sábios de maneira literal, dirão: ‘Este povo insignificante é nação tola e ignorante.’ A maioria desses expositores explicam ao público o que eles próprios na realidade não entendem. Quem dera ficassem quietos ou dissessem: “Não entendemos o que os rabinos queriam dizer nessa afirmação ou como interpretá-la.” (Introdução ao Pereq Heleq)

Em outras palavras, para Rambam, a ultra-ortodoxia seria considerada uma deturpação da própria essência do Judaísmo.

A Interpretação Bíblica Pode Mudar?

Um dos elementos mais importantes do pensamento de Rambam (Maimônides) é o de que a interpretação bíblica não é monolítica. Pelo contrário, ela é mutável. E deve evoluir a medida que a humanidade evolui.

O filósofo Fritz A. Rothschild, acadêmico do Jewish Theological Seminary of America, ilustra bem esse ponto:

“A visão de que a Bíblia contém a mensagem do Eterno para o homem conduziu sempre a novas interpretações, uma vez que constantemente forçou os leitores que crêem na Bíblia a reconciliar as palavras do texto sagrado com o que quer que eles tivessem por verdade baseados em sua própria experiência, os cânones da lógica, a ciência contemporânea, e as suas observações morais...

O tradicionalista sempre vai se sentir chamado a interpretar o texto de modo que reflita não um erro antigo mas sim padrões mais elevados de conhecimento confiável e observações de seu próprio tempo.” (Truth and Metaphor in the Bible: An Essay on Interpretation - Conservative Judaism Journal vol. 25, 1971)

Fundamentalismo ou Progressão do Pensamento?

Nosso sábios, quase 1,5 mil anos atrás (no mínimo) já tinham alcançado o entendimento de que a cronologia da Torá não é linear:

“Não há ordem cronológica na Torá.” (b. Pessahim 6b)

Sendo assim, o que os sábios hispano-portugueses achariam de teorias como a terra ter seis mil anos, os dias da criação serem dias literais, ou que os dinossauros foram extintos no Dilúvio?

Certamente Rambam diria que tais pessoas destroem a Torá com sua visão de mundo fundamentalista e limitada.

Mas, mais do que isso, ele também diria: A interpretação bíblica evolui. Porque boa parte dela depende das ferramentas que temos ao nosso dispor.

A posição de Rambam chocaria muitos, pois a maioria das pessoas quer entender o que os sábios da antiguidade diziam, não para fins de referência, mas quase como uma verdade absoluta.

Nada mais distante do pensamento de Rambam, como será demonstrado logo a seguir.

Mudando de Interpretação

Rambam não apenas afirma que é possível chegar a conclusões diferentes. Ele afirmava, sem meias palavras, que isso é frequentemente necessário:

“...Aqueles passagens na Bíblia que, em seu sentido literal possuem afirmações que podem ser refutadas por prova, devem e podem ser interpretadas de outra forma. Mas... um mero argumento em favor de certa teoria não é razão suficiente para rejeitar o sentido literal de um texto bíblico, e explicá-lo figurativamente, quando a teoria oposta pode ser apoiada por um argumento igualmente bom.”

“Se fôssemos aceitar a Eternidade do Universo, como ensinada por Aristóteles, de que tudo no Universo é resultado de leis fixas, que a Natureza não muda, e que nada é sobrenatural, estaríamos necessariamente nos opondo ao fundamento de nossa religião, e devemos desprovar todos os milagres e sinais, e rejeitar todas as esperanças e temores derivados da Escritura, exceto se os milagres também forem explicados figurativamente.” (Moré Nevukhim/O Guia dos Perplexos 2:25)

Evidentemente, Rambam afirma que não se deve sair por aí rejeitando qualquer interpretação bíblica sem um bom motivo, ou sem comprovação de que seja necessário revê-la.

Todavia, ele próprio afirma que quando a ciência faz uma descoberta que nos leva a uma verdade, ou quando a humanidade atinge um padrão moral mais elevado, isso deve ser levado em conta na interpretação do texto bíblico.

Isso também serve de lição para o leitor: Bíblia e Ciência não entram em contradição. Se há aparente contradição, evidentemente há uma falha. Mas não necessariamente a falha está no conhecimento científico. Pelo contrário, na maioria das vezes não está nisso.

A falha se encontra, portanto, na nossa interpretação e exegese bíblica, porque a Bíblia é um livro vivo. E, como tal, nos provoca a lê-lo e relê-lo, buscando sempre o amadurecimento.

Moderno ou Clássico?

A posição de Rambam é assim sintetizado por um dos maiores departamentos de Filosofia do mundo, o da Universidade de Stamford, nos EUA, baseado no trabalho do Dr. Kenneth Seeskin, PhD em Civilização Judaica pela Universidade de Yale:

“Acaso é essa a religião dos profetas ou uma versão higienizada inventada por um pensador medieval sob influência de Aristóteles? Maimônides responderia que não há diferença. A maior conquista humana é a perfeição do intelecto (O G. dos P. 3:27), que é impossível sem a busca pela verdade.

Como um documento sagrado, a Bíblia é uma fonte de verdade. Enquanto as verdades contidas na Bíblia nem sempre são aparentes, sabemos em princípio que elas ali estão se alguém deseja se aprofundar o suficiente.

Deduz-se então que se a interpretação de alguém atribui à Bíblia uma doutrina que é demonstravelmente falsa, como por exemplo a alegação de que o Eterno seja corpóreo, a interpretação está incorreta não importa o quão simples e direta possa parecer.

Caso o conhecimento humano avance e chegue em demonstrações que faltavam anteriormente, não temos alternativa senão voltar à Bíblia e alterar nossa interpretação para levá-la em conta (O G. dos P. 2:24). Qualquer outra coisa seria desonesta intelectualmente...

Isso não é apenas uma conquista intelectual, mas também espiritual. Na opinião de Maimônides, o objetivo ao qual todos os mandamentos da Torá apontam.” (Maimonides - Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2013)

Em outras palavras, a ideia de que o Judaísmo tradicional deva estacionar no tempo, como o fazem as vertentes mais fundamentalistas, é um grande engodo.

Como a Torá sempre foi moderna, atual e provocadora de mudanças ousadas, então o pensamento tido como “mais moderno” é, na realidade, o mais tradicional.

Não é difícil demonstrar isso a quem já leu a narrativa da Torá: Aquilo que os Patriarcas de Israel seguiam era uma coisa. Quando Israel se tornou nação, precisou de outros padrões de conduta.

Porém, olhando para o relato de Devarim (Deuteronômio), é possível perceber que a Torá praticada pela primeira geração de israelitas livres é diferente daquela que adentraria a terra.

Por sua vez, as atualizações continuaram nos tempos de Yehoshua` (Josué), dos juízes até culminar nas monarquias e no Templo de Jerusalém. Mas também continuou a se atualizar no exílio, no regresso à terra de Israel, nas seitas do Segundo Templo, bem como nas eras posteriores.

Portanto, é a fossilização do Judaísmo numa religião supersticiosa e obsessiva que é, na realidade, a grande inovação!

A Verdade é a Verdade

Assim sendo, existe um princípio mais importante que deve guiar todo judeu em seu relacionamento com a Torá: o amor à verdade.

Entende-se por verdade qualquer informação que leve uma pessoa a ter uma visão de mundo mais evoluída.

Afinal, para Rambam, a filosofia estava quase no mesmo nível da profecia, e o fato de sermos imagem e semelhança do Criador significava, dentre outras coisas, a busca por um intelecto mais sublime.

O Dr. Seeskin, em obra para outro grande centro de Filosofia, na Universidade de Cambridge, afirma:

“O princípio condutor... [de Rambam] era o de que ‘devemos aceitar a verdade não importa de que fonte proceda.’ Não pode haver conflito entre o argumento verdadeiramente científico e as interpretações corretas da revelação, Maimônides mantinha.

Ainda assim isso não significa que a evidência científica deve ser distorcida de todas as formas para fazê-la se conformar às leituras literalistas da Bíblia.

Quem crê deve investigar todas as questões sem temor ou reservas e seguir a prova onde quer que ela conduza. Se eles encontrarem algo que possa ser verdadeiramente provado por métodos científicos mas parece conflitar com a Escritura, isso significa que eles interpretaram equivocadamente a Escritura.

Se, por outro lado, a afirmação que é feita é plausível racionalmente mas é um princípio não provado pela ciência, e se esse princípio se conflita com os ensinamentos da ciência... o crente deve rejeitar essa afirmação como sendo tanto teologicamente quanto cientificamente errôneos...

Aqueles que abandonam sua razão e sentidos quando interpretam a Bíblia - a posição do fundamentalismo ou do fideísmo verbalístico - não estão de fato demonstrando nenhuma honra à autoridade.

Eles estão na verdade distorcendo o sentido autêntico das Escrituras... ao se recusarem a utilizar as faculdades da mente dadas por Deus.”

(The Cambridge Companion to Maimonides - Kenneth Seeskin - Cambridge University Press, 2005)

Em outras palavras, há uma expectativa de que as pessoas usem sua mente e seus conhecimentos para enriquecerem seu entendimento das Escrituras.

Na Contramão da Ignorância

Quando se olha para o fundamentalismo religioso e sua visão centrada em si mesmo, é difícil encontrar eco no Judaísmo tradicional.

Quem conduzia o povo de Israel eram os juízes, estabelecidos desde a Torá pelo Eterno, para que pudessem auxiliar o povo a viver a dinâmica da Torá.

Observe os critérios para que uma pessoa fizesse parte de tal grupo:

“Apontamos ao Sanhedrin - tanto ao Grande Sanhedrin quanto a um pequeno - somente homens que tenham sabedoria e entendimento, de distinção singular em seu conhecimento da Torá e que possui amplo potencial intelectual.

Eles também precisam ter conhecimento acerca de outras disciplinas intelectuais, por exemplo, medicina, matemática, o cálculo do calendário, astronomia...” (Mishnê Torá - Sefer Shofetim - Hilkhhot Sanhedrin 2:1)

Havia uma expectativa de que os sábios que conduziriam Israel seriam homens cultos e eruditos, com grande conhecimento intelectual. Jamais fanáticos religiosos, como se vê hoje em boa parte dos lugares.

Não à toa, os sábios da antiga Al-Andalus, de origem hispano-portuguesa, eram exímios conhecedores das ciências de suas épocas.

O próprio Rambam, além de ser considerado um dos maiores conhecedores da Torá de todos os tempos, era médico, astrônomo e filósofo, e autor de livros nessas áreas.

Relação com Acadêmicos e Cristãos

O próximo elemento deste artigo provavelmente irá chocar ainda mais.

Apesar da célebre frase de Rambam acerca de aceitar a verdade independentemente da fonte, existe grande rejeição entre muitos judeus em aceitar leituras de exegetas acadêmicos e/ou cristãos.

É como se o fato de alguém não professar a fé judaica automaticamente deslegitimasse suas visões interpretativas, apesar do mundo acadêmico ser infinitamente mais rico em conhecimento do que a maioria das *yeshivot* de linha fundamentalista, essas últimas sendo capazes apenas de produzir réplicas unidimensionais de seus próprios pensamentos.

E, mais uma vez, o exemplo surge de um dos pensadores hispano-portugueses.

Em seu comentário sobre o livro de Dani'el, o Hakham Isaac Abarbanel, que viveu no século XVI d.e.c., afirma:

“Acerca dos sonhos de Dani'el entre o rei do sul e o rei do norte, os comentaristas [rabínicos] falaram falsamente porque não conheciam a história das monarquias.

Encontrei uma interpretação adequada [i.e. a de Alexandre o Grande até Antíoco Epifânio] nas obras dos acadêmicos cristãos que estão de acordo com as crônicas dos reis da Pérsia e do Egito. Os comentaristas cristãos cometem alguns erros, mas eu aceitarei o que for bom daquilo que vier deles.” (Abarbanel - Fontes de Livramento 11:4)

Repare que Abarbanel não teve problema algum em dizer que os sábios judeus que ele analisara não possuíam conhecimento histórico suficiente para entender o livro de Dani'el.

Ele então vai procurar a resposta... em comentaristas cristãos!

E sua humildade é premiada com um entendimento diferenciado, pois é dos primeiros exegetas judeus a terem uma visão adequada da historicidade de Dani'el.

Claro, ele encontra diversos erros também nos comentaristas cristãos, especialmente na bizarra tentativa de dissociar as profecias que tão nitidamente retratam o período de Alexandre o Grande até a Revolta dos Macabeus, para então procurarem justificar o que é chamado de Cristologia.

Mas, em meio aos erros, ele encontrou acertos. E não teve qualquer pudor ou vergonha de assumir que foi buscar todas as fontes para poder encontrar a verdade.

Compare isso com a postura atual de grupos fundamentalistas, e se torna nítida a sua primitividade em comparação com o entendimento de 500 anos atrás!

Conclusão

Propositadamente, duas das principais citações da obra do Dr. Seeskin foram deixadas para o final:

“Olhando para sua própria situação, Maimônides conclui que a tradição de aprendizado que começara em Israel novamente se perdera. As pessoas oram para um Deus material para justificar suas ações baseadas na interpretação literal...

[Para ele] a maior pedra de tropeço para amar a Deus é a crença de que a única forma de se manter fiel à Bíblia é interpretá-la literalmente.” (Maimonides - Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2013)

Em outras palavras, o literalismo, a exemplo do fundamentalismo, podem parecer estar a serviço do Eterno.

Pode parecer positivo, mas na realidade o fervor com o qual seus proponentes se agarram a visões de mundo obsoletas e a superstições infundadas - recusando-se, inclusive, a reler não apenas a Torá como os sábios da antiguidade a partir de uma ótica mais moderna - é, na verdade, extremamente tóxico e negativo.

É também uma das razões pelas quais mais e mais pessoas acabam por se tornar céticas, desnecessariamente.

Muitos desses grupos investem pesadamente em atrair jovens seculares, e por isso acreditam ser a salvação da lavoura.

Porém, há uma nítida causalidade que não é facilmente mensurada. Isto é: Quantas gerações de judeus são afastadas e desestimuladas justamente porque só conhecem uma Torá da Idade Média e do Leste Europeu?

Dialogar com o fundamentalismo é tão inútil quanto o proverbial xadrez com um pombo. Resta, portanto, ao leitor tão somente educar-se e instruir-se, para que sua maneira de pensar ofereça uma via alternativa para as gerações vindouras.